

O harmonioso contato entre a palavra e o som: Mario Lúcio de Sousa e seu *Nascimento de um mundo*

Patrícia Camargo

Mestranda em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de
Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: tantalos2005@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho procurará elaborar uma visão geral sobre o fazer poético do escritor caboverdeano Mario Lúcio de Sousa, através de análises de alguns poemas de sua obra *Nascimento de um Mundo*, com a finalidade de realizar um questionamento crítico sobre a Literatura Caboverdeana Contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Literatura Caboverdeana Contemporânea. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Mario Lúcio Sousa, o encantador das imagens em estado de melodia

“Cabo Verde nunca existiu. Aliás, nada nunca existiu antes de Mario Lúcio Sousa. É que a palavra fundadora do autor do *Nascimento de um Mundo* (...), qual Deus, cria. Do Nada. Isto é o ofício de poeta na sua plena dimensão. Mario Lúcio, que tem, como um mutante, o dom de subverter a realidade, mas sem a conspurcar, é uma festa permanente neste livro, inovador e moderno.”

(Mário Fonseca, In: Novo Jornal de Cabo Verde, 28/05/94)

A complexa condição de poeta pesa nos ombros daqueles simples mortais que dotados de uma capacidade singular de “ver” o mundo, procuram desvelar aos demais humanos o maravilhoso espaço onde habita o imaginário:

Ser poeta é algo que me é obscuro definir, porque sinceramente nunca me senti tal coisa. Mas posso perfeitamente definir o ser tratado como poeta. Quando somos tratados como poeta por aqueles que se julgam poetas ou se sentem poetas, sentimo-nos como alguém da mesma raça, mas nessa altura somos pigmeus; quando somos tratados por aqueles que só ouviram falar de poetas e de poesia, sentimo-nos como poetas, como mágicos ante a um público de crianças. Quando somos tratados por aqueles que nunca ouviram a palavra poesia ou poeta, sentimo-nos como se fôssemos poetas de veras.

Mario Lucio Souza (apud ROZÁRIO, 1999. p. 165)

O poeta Lúcio Matias de Sousa Mendes, mais conhecido pelo nome artístico de Mario Lúcio Sousa nasceu no Tarrafal, na Ilha de Santiago, Cabo Verde, em 21 de Outubro de 1964. Durante seu percurso enquanto artista, destacou-se também como músico, pintor e ativista cultural.

No ambiente musical obteve grande sucesso enquanto fundador e líder do grupo Simentera, que marcou uma profunda transformação na música de Cabo Verde. E no que tange a linguagem musical, sabemos que há muita afinidade entre ela e a literatura, e a razão dessa proximidade, talvez, esteja na própria estrutura da mente humana, que, uma vez adquirida a linguagem, elabora o pensamento em termos de discurso, isto é, da articulação das palavras em frases, para a condução do raciocínio.

Nesse sentido, o universo do som, do canto, embala a construção poética de Mario Lúcio, já que enquanto musicista ele conseguiu traduzir para literatura algo que

é bem peculiar ao ambiente da melodia, transitando pelas duas linguagens artísticas com grande primor.

Suas principais obras são: *Nascimento de Um Mundo* (poesia, 1991); *Sob os Signos da Luz* (poesia, 1992), *Para Nunca Mais Falarmos de Amor* (poesia, 1999), *Os Trinta Dias do Homem mais Pobre do Mundo* (Ficção, 2000 – prêmio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, 1ª edição), *Adão e As Sete Pretas de Fuligem* (teatro, 2001), dentre outras peças teatrais mais recentes.

Pertencente a “novíssima geração” de escritores caboverdeanos que contribuíram imensamente para o fortalecimento da diversidade de vitalidade temática na literatura do país, Mario Lúcio Sousa, assim como grande parte dos escritores de seu tempo teve seus escritos amplamente expressos através dos meios de comunicação, principalmente nos suplementos e revistas literárias:

Os anos oitenta e noventa do século passado ficaram marcados pela emergência e pela consolidação de uma nova geração literária caboverdeana e pelo seu intenso dinamismo literário. Esse dinamismo ficou amplamente testemunhado na participação dessa nova geração na fundação e na dinamização de vários suplementos, folhas e revistas literárias.

(ALMADA, Site *Liberal*, 2008)

Percebemos também que os jovens escritores caboverdeanos, no período posterior à independência sentiram uma profunda necessidade de discutir criticamente a realidade local, apresentando uma visão abrangente sobre os sentimentos humanos, a fim de denunciar o “vazio cultural” que assolava o país, bem como se apropriavam dessa prerrogativa para refletir sobre o próprio processo do fazer poético:

Após a euforia da independência, no final dos anos 80 e início de 90, a novíssima “geração” de escritores começou a denunciar o vazio cultural no Arquipélago, além de constatar que a fome e a miséria não foram extintas. Houve uma desilusão em relação aos valores *cantalutistas* que animaram a poética da independência. A poesia então, deixou de cantar apenas o social e passou a operar também com os sentimentos individuais, com o existencial e o universal. Esse novo lirismo se caracterizou por construções metapoéticas e passou a repensar tanto os caminhos sociais, como os da própria poesia.

(SECCO, 1999. p. 20)

A poética de Mario Lúcio Sousa insere-se perfeitamente nesse prisma de discussão sobre o individual e o coletivo, o local e o universal, pois ao mesmo tempo

em que constrói uma poesia sensorial, cujo desejo é o de voltar-se para o interior do humano, também, constrói uma produção em que a tônica será a metapoesia, na fala sobre a pátria há também uma construção sobre o ato de criação poética. Dessa forma, esses escritos do pós-independência, distópicos, buscam uma subjetividade pautada na *troca afetiva*:

O compromisso, dessa maneira, deixa de ser um pacto tramado com instâncias exteriores aos homens e passa a penetrar na interioridade destes. Transforma-se, assim, em uma “política dos afetos”, espaço intervalar entre indivíduos capazes de criar uma cidadania ativa, uma vez que a liberdade não mais se apresenta como algo messiânico vindo de fora, mas como um processo tecido entre múltiplas e diversas subjetividades. (SECCO, *Revista Eletrônica Confraria*, 2008)

Os elementos simbólicos referentes ao imaginário literário caboverdeano são trabalhados por Mario Lúcio em seus poemas com grande maestria, principalmente no ato de transformar as palavras em imagens e sons que possibilitam um forte estímulo ao onírico por parte de seus leitores:

Ninguém melhor que Mário Lúcio para retratar o imaginário poético de Cabo Verde, pois ninguém melhor do que ele joga com as palavras, ninguém melhor para estimular os sonhos, num rodopio frenético de metáforas e subentendidos, e para quem é bom entendedor meia palavra basta.

(BRANCO, 2003. p. 78)

E no que concerne à recepção de suas obras, podemos perceber que há uma grande projeção de seus trabalhos dentro da nação caboverdeana. Vejamos as palavras do próprio escritor sobre esse assunto:

Em Cabo Verde a minha poesia e a minha prosa marcaram a posição da minha geração quanto à sua postura estética. O Nascimento de Um Mundo é citado como referência. Igualmente as minhas novelas vêm introduzir marcadamente a influência latino-americana na prosa caboverdeana. E no Teatro, significam o nascimento de uma dramaturgia nacional. Essas são opiniões da crítica, publicada em jornais, revistas e antologias. No Brasil, fora dos circuitos universitários, as minhas obras literárias são desconhecidas.

(SOUSA, 2009. Entrevista Revista Icarahy)

Dessa forma, o mais importante a ressaltar na construção poética de Mario Lucio Sousa será sua grande habilidade em lidar com as palavras, transformando-as em belíssimas imagens com forte apelo sonoro, muito provavelmente por conta de sua atuação junto ao ambiente musical.

A constelação do canto genealógico caboverdiano ou o *Nascimento de um Mundo*

Nascimento de Um Mundo (1991) é uma obra dividida em: um prelúdio¹ e dez cantos, cada canto referente a cada uma das dez ilha que formam o arquipélago de Cabo Verde. Alguns cantos, além de sua estrutura normal, também apresentam um coda², que os finaliza, em sua maioria, com um “resumo” dos signos que singularizam essas ilhas. Mas, é importante ressaltar que o final da obra ou “Coda Geral”, encontra-se inserido no Canto X (referente à ilha de São Nicolau).

Essa obra pode ser encarada como uma produção de cunho predominantemente épico, com uma perspectiva de revisão mítica, criando uma estrutura de diálogo com vários textos clássicos, bem como referências a mitologias diversas, principalmente vários mitos africanos:

O livro *Nascimento de Um Mundo*, de Mario Lúcio Sousa, guarda uma ressonância épica, por vezes de tom lúdico, a qual é incorporada na sua poesia de teor mítico-regenerativo.

Poesia mítico-regenerativa, a qual extravasando quer o mito hesperitano de Pedro Cardoso e José Lopes, quer a poética heróico-teluricista de T. T. Tiofe e Corsino Fortes, recria Cabo Verde e a sua aparição das águas, com recurso à Bíblia, à antiguidade clássica europeia (com referências a Prometeu, a Epicuro e a Miletos, à Biblioteca de Alexandria, à Guerra de Tróia, à Ilha de Juno, aos Cantos Gregorianos, às aleluias bachianas), bem como à Mitologia Africana (com a exumação da deusa Elegba, do percurso do jogo do wari e dos kikuyos, nossos ancestrros obrigados) e inspirando-se no rosto actual bem como nas raízes e na fisionomia histórico-culturais de cada uma e de todas ilhas de Cabo Verde.

(ALMADA, Site *Liberal*, 2008)

Outra questão importante em relação a *Nascimento de Um Mundo* refere-se ao fato de a obra possuir um forte teor metapoético, já que além de articular um olhar épico sobre a formação do território do arquipélago de Cabo Verde, o livro também guarda em suas poesias uma discussão sobre o fazer poético, refletindo de modo preponderante sobre o ato de criação artístico literário.

¹Prefaciador, iniciar, dar entrada, ou ensaiar uma voz ou instrumento antes de começar a cantar ou a tocar.

²Período musical, vivo e brilhante, que termina a execução de um trecho.

Em relação à estrutura desse livro, podemos perceber que ele organiza-se tal qual uma obra musical, e no que concerne à escolha de criar uma obra com forte influência melódica, a escolha da divisão em *cantos*, possibilita uma grande diversidade de uso que esse termo pode ter para o seu sentido simbólico:

O autor utiliza a estrutura de uma ópera para apresentar o seu discurso poético. Tal como a ópera que mais não é que um poema dramático posto em música e composto de cantos, *Nascimento de Um Mundo* abre com um prelúdio a que se seguem dez cantos, cada canto terminando brilhantemente com o seu coda, à semelhança dos trechos musicais, e, fechando tudo, um Coda Geral. (...) Outrossim, a escolha do canto ofereceu ao autor um agradável trocadilho, pré-anunciando um trocadilho, pré-anunciando o cultor de semiótica que nele existe e se manifesta ao longo do poema. Efectivamente, se cada canto dedicado a cada uma das ilhas pode ser entendido na sua significação de canto / louvor (às ilhas) ou ainda canto / música (a ópera é composta de cantos), canto também pode ser entendido no seu sentido da sua outra significação de cada uma das divisões do poema. Qualquer destas significações é perfeitamente ajustada.

Vera Duarte (apud ALMADA, Site *Liberal*, 2008)

Quanto ao fato da abordagem de um *canto genealógico*, dá-se porque essa obra nos permite levantar três questões fundamentais a serem discutidas: a identidade do povo caboverdeano, história de Cabo Verde e história da Literatura Caboverdeana. Já que ao narrar o “nascimento” das ilhas explicita-se também todo o contexto que circunda esse ato.

Em *Nascimento de Um Mundo*, cada uma das ilhas do Arquipélago será cantada numa ordem simbólica e cada uma delas terá uma marca característica peculiar. Para que se possa compreender o corpo do texto que forma esse livro, é importante fazer um breve resumo sobre o modo como são apresentadas cada uma das dez ilhas.

A primeira ilha será a do Fogo, sendo esta a “ilha do calor” representando o espaço da energia vulcânica, a morada da centelha de força. Ele representa o início formador das demais ilhas, a “chama vital” inicial.

A segunda será a ilha do Sal, simbolizada como a “ilha da imagem”, o espaço onde afloram as representações do branco, seja pela evocação do desejo de ter neve e da presença das dunas de sal, ambiente quase lunar, porém nascendo nessa terra a alma do povo caboverdeano já nasceria “temperada”.

Boa vista é a terceira, a “ilha da beleza”, onde são cantadas as belezas naturais, por conta de sua rica paisagem com a presença de água, flores e verde abundante, bem como a harmonia da melodia, já que a ilha é um viveiro de músicos, espaço da alegria e do bom humor.

A ilha Brava é entendida como a “ilha da força”, um lugar onde os opostos se encontram em equilíbrio, um espaço em que a sensualidade representando a força uni-se a leveza, a doçura (morabeza). Já Maio, será a “ilha do tempo e do espaço”, pois pela genealogia essa é a ilha mais antiga, berço das grandes lendas e mitos caboverdeanos.

Santa Luzia é a “ilha da ausência da dúvida”, por ser desabitada, mostra-se como uma esfinge, um local cercado de mistérios e magias. Sant’iago apresenta-se como a “ilha da voz”, mas não vamos nos alongar sobre o que será discutido nesse ambiente, já que explicitaremos isso melhor em outro momento desse trabalho.

A ilha de São Vicente será a “ilha da luz”, onde o galo anuncia o “novo amanhã”, lugar onde a “clareza” é presente, é o berço das esperanças e sonhos. Já Santo Antão é descrita como a “ilha do silêncio”, apagada e anulada em relação a sua representatividade, principalmente por conta dos conflitos que ocorreram nessa região na década de oitenta.

O último canto descreve São Nicolau como a “ilha das árvores”, onde ocorre uma simbiose plena entre homem e natureza. Nesse canto encontra-se o “Coda Geral” que encerra o “parto” das ilhas.

Diante de tal quadro podemos entender a obra *Nascimento de Um Mundo* como “um único e longo poema de amor a Cabo Verde, ou o Poema de Esperança como se poderia chamar a esta obra poética”. Vera Duarte (apud ALMADA, Site *Liberal*, 2008)

Nesse sentido, buscar uma leitura segura da obra *Nascimento de Um Mundo*, é uma tarefa quase impossível, já que os signos expressos nela instigam o leitor a desenvolver plenamente sua capacidade imaginária.

Visando realizar uma breve leitura da obra *NM*³, teremos de fazer um recorte, desse modo, trabalharemos especificamente com o “Prelúdio” e o canto sétimo, “Sant’iago”, pois estes apresentam uma forte carga metafórica, repletos de imagens míticas.

Iniciaremos nossas análises com o “Prelúdio” de *NM*. Vejamos sua transcrição:

PRELÚDIO

O prenhe barro que sustinha o mar
abriu-se como uma boca ou uma flor
e o sopro de um deus imaginário
- que já existia antes de Deus –
fez abrir um pedaço do Mundo
cuja alma já não cabia no corpo...
e nasceram as ilhas

que nadavam e nadavam.

As ilhas nascem nadando como as crianças nascem chorando,
mas no gérmen tudo é diferente:
as crianças nadam muito tempo antes de chorar
e as ilhas choram muito tempo antes de nadar
os dois prantos sob o signo de um pranto mestiço
de água e fogo.

(a) LUZ

LAVA e

(a) DOR.

Assim será. Assim foi, creio eu:

Dez embriões num ventre

dez vozes num parto

³ A partir desse momento iremos usar a abreviação *NM* para obra *Nascimento de Um Mundo*.

dez ilhas no mar e

Eu assisti ao nascimento de um mundo

que gerou o fogo

e ficou elevado o umbigo da terra

ou vulcão

ou a raiz que evoca a diferença e a identidade.

Tudo passou num segundo

e depois - conceito que foi instante, logo e agora –

o deserto... o inaudível ... a luz

e eu mil novecentos e sessenta e quatro anos depois atrás.

(SOUSA, 1991. p. 07. Grifo Próprio)

Todo o processo de gestação e nascimento das ilhas se faz presente nesse prelúdio. Podemos entender esse início como um gênesis, onde o poeta pode ser visto como o “ser mais antigo”, o ancestral que junta-se a um “deus imaginário que já existia antes de Deus”, ou seja, uma referência aos mitos africanos que serão evocados ao longo dos demais cantos, deuses anteriores ao “Deus” cristão dos colonizadores.

Quanto a um dos dramas da identidade do povo de Cabo Verde, podemos atentar que sempre houve um dilema por parte da “paternidade” dessas ilhas:

Desde os textos dos chamados pré-claridosos, a par do dilema entre a pátria lusitana e a mãe terra crioula (mátria), constatamos a incorporação de uma série de conteúdos, míticos, sociais e ideológicos que diferenciam e afastam a cultura do arquipélago da portuguesa.

GOMES (apud CHAVES & MACÊDO, 2006. p. 265)

Nesse poema percebemos que há uma busca por essa mudança na configuração desse dilema referente à mátria, já que o “poeta ancestral” que dialoga com os deuses antigos, pode ser entendido como o “avô”, já a pátria, Cabo Verde, continuará sendo a “terra mãe” e o povo caboverdeano seria assim, “filhos” da nação. Dessa forma, o “ser primeiro”, o originário do povo caboverdeano, seria o primeiro poeta que sonhou a pátria e que, acompanhou junto aos deuses remotos, o nascimento das dez ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde.

Em relação ao signo da ilha, torna-se evidente a representação da pátria, e a descrição das dez ilhas que a formam, bem como a questão da insularidade e as decorrências disso, o poeta em sua condição de ilhéu:

Com efeito somente um ilhéu nas condições culturais do caboverdeano teria tempo, vagar e oportunidade para se deter, por exemplo, na observação dos “caranguejos lentos invadindo as ruas mortas nas longas noites neurastênicas”. Repare-se na sensação de “insularidade total”, de solidão e abandono.

(MARIANO, 1991. p. 118)

No trecho acima citado, podemos observar que Gabriel Mariano, ao analisar a questão da insularidade nas poesias de Jorge Barbosa, de certo modo ilustra como essa questão era algo presente na literatura. Segundo Simone Caputo Gomes (1993), desde o período da poética dos “claridosos” essa temática se intensificou, “a insularidade povoava os textos da época, focalizando o que considerava um drama geográfico” (GOMES, 1993. p. 37)

Essa visão minuciosa com os detalhes que rodeiam um indivíduo, apontando uma enorme solidão e o dilema de “querer ficar, mas ter que partir”, é algo peculiar a condição do ilhéu, e está bastante presentificada em *NM*.

Mas é preciso atentar que o símbolo da ilha também pode ser encarado como o próprio espaço poético. Há dessa forma uma possível relação entre o corpo da pátria e o corpo da poesia. Assim, percebemos em *NM* também uma construção de perspectiva metalingüística/metapoética dessa obra.

O lidar com o tempo não obedece uma regularidade linear, já que esse espaço temporal também é relativo, como informam os versos: “depois – conceito que foi instante, logo e agora”. (SOUSA, 1991. p. 07)

O passado, o presente e o futuro se fundem num só tempo, é possível pensar num antes do início e um espaço sem fim. A visão do poeta, tal qual um “Orfeu”, irá vagar entre os tempos em busca do seu tão sonhado encontro com a poesia.

Os símbolos míticos também afloram no canto sétimo de *NM*, em “Sant’iago” vemos que emerge uma série de imagens turbilhantes:

SANT’IAGO

“Yo soy viejo

como la pampa y el arroz”

Esta estranha voz chegou-me aos ouvidos

quando eu era novo, novinho ainda

recém pertúrido como o trigo e a palavra

uma voz que cantou no passado (...)

“Sejas ilha”, ordenei

E no Princípio foi a Voz

e depois

podias tu parar a boca

no fundo do vale

e recolher a altura que desprendia das montanhas

Pico Sem Nome, Monte Sem Nome, Serra Sem Nome.

Todo vento do mundo soprava em direção do mar

e cavalos vadios corriam atrás dos assobios,

a falta de criaturas em mim.

As serras serravam as nuvens e penetravam

no coração dos homens

com um beijo frio às seis da manhã

na sua boca de orvalho.

Os picos picavam a imensidade do ar

convertendo-a em finíssimas gotas de vidro.

Tomei água da rocha

e sentei-me no chão

a contemplar a metamorfose das ilhas (...)

(coda)

Yo soy viejo

como la pampa y el arroz

ou tão velho como as bengalas:

fortalezas e templos

canhões e cruzes

falaram a linguagem remota

que hoje se escuta na minha voz.

A cidade mais Velha talvez tenha a minha idade

porque nada existiu nunca fora da linguagem

Comigo nasceu um mundo

nasceu outro mundo

e sobreviveu outro.

(SOUSA, 1991. p. 07. Grifo Próprio)

Nesse poema a escolha da energia inerente ao sete faz referencia ao número da “perfeição”, bem como nesse canto haverá o tema do aparecimento da “voz”, do “verbo” presentificado.

Assim temos uma paráfrase do *Evangelho Segundo João*, numa nítida referencia bíblica ao seu início: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”⁴. Portanto, o poeta almeja ser a palavra, ser a poesia, ser o início de todas as coisas. Quando nos versos “ e no Princípio foi a Voz”, há um anuncio de que a “voz do poeta” é tão antiga quanto essa “voz primeira”.

⁴ *A Bíblia Sagrada*. Antigo e o Novo Testamento. Traduzida por: João Ferreira de Almeida. SBB. SP: 1993.

Esse poeta também canta a importância da palavra comparada ao próprio alimento, o “trigo” para alimentar o corpo e a “palavra” para alimentar a alma, os dois igualmente essenciais para a vida humana.

Num dado momento dessa poesia o poeta procura através de uma “metamorfose das ilhas” fundir-se a natureza num ato de simbiose plena. Afinal é fundamental ao poeta compreender plenamente o meio que o cerca, pois, ele quer a ser a “ilha”, ele quer unir-se a todo o ambiente, porque sempre é necessário ser para conhecer.

Ao trabalhar a proximidade do poeta com tudo que o cerca, principalmente quando fala de “fortalezas e templos/ canhões e cruzes”, notamos uma nítida referência ao processo de colonização, através da conquista territorial (com a cruz, a espada e a palavra), mas a construção simbólica desse poema é tão bem elaborada que ao evocar o passado, a figura do poeta não o trata de modo depreciativo, ele se coloca numa postura de ser tão ancestral, e obviamente tão sábio, que consegue discernir o que de proveitoso houve no passado para se repensar o presente.

Com relação à linguagem literária, ficcional, que também se desmascara, nos seguintes versos “porque nada existiu nunca fora da linguagem”, podemos observar que em *NM* a história central são suas imagens, e tudo se processa através da linguagem, e por ela se confirma. A obra apresenta uma tentativa de reabilitação da linguagem poética, pelo recurso à tradição no revigoramento das potencialidades de criação do imaginário. Notamos um recorte dos objetos em sua condição real e uma reconfiguração organizada numa nova ordem objetiva.

Apesar do final do livro, “Coda Geral”, ocorrer no canto X, o final do canto sétimo já aponta para essa grande “ode” que fechará a obra, onde duas noções de “canto” se mesclam, o grande louvor ao “mundo das ilhas” que nascem e renascem dentro do poeta continuamente, como um amor que nunca se extingue; e o canto referente à música (percebemos a presença de um refrão: “Yo soy viejo / como la pampa y el arroz”), já que Santiago pode ser considerada também “ilha da voz”, pois ali o poeta na condição de “Orfeu” entoa uma bela melodia de louvor à pátria e ao próprio fazer poético (sua musa: a poesia).

E será através do mergulho poético que acomete os leitores, essa vontade de tudo *fluir* e *fruir* que a dinâmica alquímica do canto pode se concretizar. Múltiplas sensações nos invadem ao longo do processo de leitura de *Nascimento de Um Mundo*, pois, ao travar contato com uma obra de tão grande primazia estética chegamos a conclusão que essas poesias nos permite viajar no mágico espaço dos sonhos, por meio de uma reação de envolvimento pleno e encantamento mavioso, podemos “ser” muitos, somos todos num espaço-tempo indefinido. Somos santos, monstros, musas, poetas e poesias, deuses e demônios, somos um fluir de um inconsciente coletivo, o mosaico emergente no todo que, sendo todo, também o é cada face do caleidoscópio.

REFERÊNCIAS:

A Bíblia Sagrada. Antigo e o Novo Testamento. Traduzida por: João Ferreira de Almeida. SBB. SP: 1993.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Alguns marcos da emergência de novos paradigmas na poesia caboverdeana contemporânea (quarta parte)*. Acesso em: 27/05/08. Site O Liberal:

<http://liberal.sapo.cv/index.asp?idEdicao=50&id=17566&idSeccao=533&Action=noticia>

BRANCO, João. *Dez anos de Teatro em Cabo Verde*. Mindelo: 2003.

CARREIRA, António. *Cabo Verde (Aspectos sociais. Secas e fomes do século XX)*. Lisboa: Biblioteca Ulmeiro, 1984.

FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban*. Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1975.

GOMES, Simone Caputo. *Uma Recuperação de Raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: Cabo Verde, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.

HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária*. II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.

LIMA, Norma Sueli Rosa. *Revisitando Claridade: o encantamento da poesia caboverdeana com o modernismo brasileiro*. Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2000.

MARIANO, Gabriel. *Cultura Caboverdeana: Ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.

ROZÁRIO, Denira. *Palavra de poeta: Cabo Verde e Angola: entrevistas, antologias, as bibliografias dos maiores poetas de Cabo Verde e Angola*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e Tangentes: entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SECCO, Carmen Tindó Ribeiro (coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX. Cabo Verde – Vol II*. Ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 1999.

_____. *Algumas tendências da poesia cabo-verdiana hoje*. In: Revista Eletrônica Confraria: arte e literatura. Número 18: janeiro e fevereiro de 2008. Acesso em: 30/03/2008. Em: www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.

SOUSA, Mário Lúcio. *Nascimento de Um Mundo*. Praia/ Cabo Verde: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1991.

_____. Entrevista: O Encantador das palavras em estado de melodia. In: *Revista Icarahy*. Niterói: 2009.

VEIGA, Manuel. *A Sementeira*. Praia: Edições ALAC, 1994.